

Espera, esperança, vergonha e elaboração

Adriana Meyer B. Gradin,¹ São Paulo

Resumo: Neste artigo, a autora faz uma articulação entre os conceitos de *espera*, *esperança* e *vergonha*, abordando questões relacionadas à constituição do narcisismo e aos seus desdobramentos quando situações traumáticas se impõem na vida do indivíduo, ensejando quebras narcísicas, frustrações ou situações de desamparo radical. Para ilustrar o tema, são usados dois exemplos literários de pais que, no dia do nascimento dos primogênitos, precisam lidar com notícias contundentes acerca da saúde de seus filhos, um deles diagnosticado com síndrome de Down e o outro, com uma hérnia cerebral.

Palavras-chave: espera, esperança, narcisismo, vergonha, desamparo

1. A espera, a esperança e a vergonha

Somos delicados demais para o nascimento e é preciso disfarçar os perigos desta vida.
(Tezza, 2010, p. 9)

A articulação entre os conceitos de *espera* e *esperança*, tanto no campo da filosofia quanto no campo da literatura e da psicanálise, dá margem a uma miríade de ramificações às quais os mais diversos autores, atuais e de outrora, já se dedicaram com afinco. Heráclito de Éfeso, inaugurando essa trajetória, tentou formular uma abordagem filosófica da *espera*, defendendo que “esperar é caminhar, e caminhar no escuro, indo sempre adiante, quaisquer que sejam as dificuldades que se levantam em nossos caminhos” (citado em Rocha, 2007, pp. 262-263). Em sua concepção, não há possibilidade de se encontrar exatamente aquilo que se espera e, muito menos, de representar o objeto da esperança. Heidegger, por sua vez, trata da *esperança* como um elemento constitutivo do existir humano no tempo, pois é ela que

1 Psicanalista, doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP, Núcleo de Método Psicanalítico, mestre no mesmo núcleo, docente do Centro de Estudos Psicanalíticos-SP, membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF) e autora do livro *Corações Murchos. O tédio e a apatia na clínica psicanalítica*.

sustenta a abertura para o futuro do “*poder-ser quem nós somos*” e é ela que nutre a nossa capacidade de sonhar e de caminhar, sem o que viver seria “uma paixão inútil” (citado em Rocha, 2007). No campo da psicanálise, Winnicott (1963/1990) nos oferece uma construção teórica muito relevante sobre a capacidade de *espera* relacionada à esperança, tratando da busca de cada indivíduo pelo outro que integra o seu ambiente primário na aposta de que esse objeto cuidador será encontrado.

A *boa espera* só é possível quando há *esperança*, e ela comporta a ideia de suportar a angústia e o sofrimento necessários para que se possa amadurecer e evoluir, seja em face dos desafios de uma relação amorosa ou de uma situação emocional intrincada, seja em razão de um evento inesperado, ou, ainda, mais objetivamente, diante da complexidade envolvida na espera de *alguém* ou de *algo*.

Por outro lado, a *espera* pode ser marcada pela aparição daquilo que é totalmente imprevisto, traumático ou, até mesmo, insuportável diante dos recursos psíquicos do indivíduo que espera, daí podendo se originar um abalo narcísico, estados de frustração ou, mais verticalmente, situações de desamparo radical.

Quando o sujeito se vê atacado no cerne de suas idealizações e tem de enfrentar eventos que quebram as ilusões mais primitivas sobre o seu ser, surge o sentimento de vergonha.

Na vivência da *vergonha*, o sujeito se sente atormentado pelo receio de um julgamento negativo, vivendo um conflito insolúvel com a própria autoimagem e, por consequência, com a imagem que as pessoas cultivam dele. Não restam dúvidas de que há uma questão narcísica de fundo, sustentada no desejo de reconhecimento e aceitação – por si mesmo e pelo outro. São indivíduos que carregam uma sensação de fracasso, inadequação, constrangimento, inferioridade, de não cumprirem um destino grandioso, ou, como examinaremos aqui, de não terem em seus filhos o reflexo luminoso da reparação narcísica esperada por eles.

Para apreciar a temática da *espera* e da *vergonha*, usaremos como formas de ilustração de tais conceitos duas histórias literárias nas quais dois pais esperam seus primogênitos. Nos livros *O filho eterno* (Tezza, 2010) e *Uma questão pessoal* (Oe, 1964/2003), as mulheres dos personagens principais, pais de “primeira viagem”, entram em trabalho de parto no exato dia em que se inicia a narrativa e eles relatam a experiência da vulnerabilidade que sentem, ao se verem, cada um a seu modo, destituídos de um lugar no

mundo, despojados de um emprego e de suporte financeiro e, mais ainda, da maturidade para encarar a nova posição subjetiva que se apresenta.

Após o nascimento, cada um desses filhos recebe um diagnóstico fatídico: um deles nasce com síndrome de Down; o outro nasce com uma hérnia cerebral e é tratado pelos médicos como um bebê que aparenta ter duas cabeças e tem como destino possível apenas uma vida vegetativa ou uma futura autópsia.

O leitor acompanha então a jornada desses pais em um percurso marcado pela *espera*, que se desdobra na queda narcísica deles, que se sentem feridos em sua imagem e em sua honra diante do diagnóstico dos filhos. Testemunhamos, ainda, o enfrentamento doloroso da vivência assoladora de *vergonha* por causa desses descendentes. Ambos se chocam com o diagnóstico, espantam-se a princípio com a projeção do futuro daquele filho no seio da família; ambos recorrem depois a escapes, pensamentos mágicos, censuras e tentativas de fuga da verdade inelutável da quebra da fantasia de onipotência. Ambos fazem uma travessia tortuosa pelo desamparo.

Nos dois livros, há marcas concretas e visíveis nos corpos dos dois bebês: os marcadores da trissomia do cromossomo 21 e uma hérnia cerebral de tamanho considerável. E quando não há essas marcas? E quando o filho decepciona os pais por tantos outros motivos: ideologia, exercício da sua sexualidade, escolha da profissão, vulnerabilidade diante de desafios da vida ou, simplesmente, não identificação com os valores da família? O que seria deixar um filho “à deriva” em virtude desse desapontamento narcísico e deixá-lo morrer em sua morte anunciada, como pensou em fazer um dos pais, que conta sua história pessoal? O que significaria deixar o bebê definir, como tentou fazer o outro?

Por outro lado, há de se pensar também em simbolizar o que seria uma boa espera, capaz de produzir transformação naquele núcleo familiar, esperança de encontro e metabolização de afetos difíceis de lidar.

Na mitologia grega, a Caixa de Pandora nos põe em relação direta com o afeto da *esperança*, sobretudo por ter restado como síntese desse mito transmitido há gerações a máxima de que “a esperança é a última que morre”. Relembrando o mito, Pandora é criada por Zeus para vingar-se de Prometeu por ter ele subido ao Olimpo e roubado o fogo dos deuses para entregar aos homens, fazendo-os mais fortes que os animais depois de forjar suas armas. Pandora é então dada de presente a Epimeteu, irmão de Prometeu, que com ela se casa. Ela leva consigo uma “caixa”, com a advertência de que não poderia

jamais abri-la, mas acaba infringindo a proibição, por imaginar que haveria ali algo valioso à sua espera. O que descobre, porém, é que a caixa continha todos os males existentes, que acabam espalhados pelo mundo: doenças, inveja, ódio, vingança, guerra e vícios. Ela tenta rapidamente fechar a caixa, mas só consegue manter em seu conteúdo a *esperança*.

Em uma leitura mais simplista, para explicar por que a esperança havia sido posta em uma caixa repleta de malefícios, alguns interpretam que, para os gregos, a esperança seria classificada como um mal, uma vez que caberia a cada homem aceitar o seu destino. Outros, ainda, relatam que teria havido ali um erro de tradução do latim e que, em vez de “caixa”, a palavra “*pithos*” (presente dado a Pandora) significaria um recipiente antigo de vinho cujo barro representaria a personalidade do ser humano. Esse vaso de barro contendo vinho, à época, tinha que ser deixado com um restinho ao fundo, como símbolo da expectativa de futuro preenchimento. Daí deriva a interpretação mais elaborada, de que cabe a cada indivíduo lidar com o “resto” do seu recipiente; ou seja, postos todos os males para fora, a tarefa individual seria fazer um trabalho singular e profundo com o pouco que ficou. Isso se ligava à festa grega que antecedia a primavera (Antestérias), que representava a expectativa do florescimento, a espera de algo que viria a nascer, ainda que, diferentemente das plantas que florescem na primavera, a premissa dos gregos é que o homem “floresce” por um ato de vontade.

Como o vinho era associado ao sangue e ao calor da vida em razão do álcool, entendia-se então que o vaso ficava ligado à espera de ser preenchido: esvaziado do mal da ignorância, passava a haver espaço para a entrada dos deuses da sabedoria. A esperança, portanto, não estava projetada ao mundo externo, mas ao preenchimento do mundo interno, já que ela consistia em uma pergunta sobre o Ser, sobre que se poderia *ser* a partir daquilo que sobrou.

A mudança dos problemas do mundo, assim, era consequência de uma transformação de si mesmo. Daí derivaria a palavra “prosperar”, da conjunção de *pro* (a favor) e *esper* (esperança), significando algo que atua em favor da esperança.

Os pais das duas histórias que analisaremos – ambas de cunho autobiográfico – partiram, com dor e sofrimento, nessa trajetória para fazer ligações entre a espera, a esperança e a vergonha, dando-nos então subsídios para pensar nessas trilhas particulares e em tantos outros percursos emocionais e psíquicos, na vida e na clínica psicanalítica, com vistas à elaboração e à transformação do vivido traumático. Sigamos com eles.

2. A chegada de um filho diferente do esperado. O sentimento de vergonha

Em *O filho eterno*, o personagem principal é chamado apenas de “o pai”. Ele se define como alguém que, “aos 28 anos, ainda não começou a viver”, como “alguém provisório”, que “não é ainda exatamente nada” (Tezza, 2010, p. 8), o que se articula diretamente ao tema de estar *à espera de algo*. Ele trata, a princípio, do imaginário que deveria circundar a cena da chegada de um filho: mãe feliz e pai angustiado, tempo que se acelera em torno do bebê, um cenário montado para a felicidade.

Nessa reflexão inicial, “o pai” pensa, então, que ele também estaria nascendo naquela hora e guarda essa imagem “mais ou menos edificante” do próprio nascimento (Tezza, 2010, p. 9). Ao pensar no contraste de sua vida – não ter “nem casa, nem emprego, nem paz”, mas esperar um filho e ter que se converter em um pai de família barrigudo e severo –, emerge a fantasia onipotente de que ele não estaria predestinado àquilo, mas sim a algo grandioso e “necessariamente superior” – a literatura. Ele seria, no seu devaneio, um ser especial, para o qual aquelas regras do jogo não seriam aplicáveis.

Curiosamente, ainda que tomado pela euforia do “pai nascente”, ele se surpreende com o fato de estar pensando em si mesmo na espera. “Seria agora um pai, o que sempre dignifica a biografia” (Tezza, 2010, pp. 11-12).

Aqui o livro faz uma ligação direta com “Introdução ao narcisismo” (Freud, 1914/2016) e com a ideia de que a espera de um filho enseja um feixe de projeções sobre o futuro do grupo familiar e, mais ainda, uma reedição do narcisismo dos pais.

Freud (1914/2016, p. 25), ao analisar o narcisismo, trata da atitude terna dos pais para com seus filhos como um modo que eles encontram de reviver e reproduzir o seu próprio narcisismo, originando-se daí a demanda de atribuir à criança todas as perfeições, ocultar e esquecer os defeitos e ainda renovar as exigências de privilégios aos quais já se renunciou. O autor trata dessa posição do filho como de “Sua Majestade, o bebê”, termo que condensa a ideia de que “as coisas devem ser melhores para a criança do que foram para seus pais” e, ainda, de que “doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança”. Nessa construção, a criança estaria destinada a concretizar os sonhos não

realizados dos pais e, diante da dura realidade da vida, uma fantasia de segurança poderia ser obtida fazendo da criança um refúgio.

No caso do pai do livro *O filho eterno* a reedição do seu próprio narcisismo, corporificada na figura do seu filho, sofre um curto-circuito.

Seguindo na narrativa da *espera*, o médico dá ao pai a notícia de que o bebê é um menino e de que está tudo bem com a mãe. No dia seguinte, porém, dois médicos chegam sérios, desenrolam a criança sobre a cama e começam a descrever os traços dos olhos, pálpebras, dedos mindinhos das mãos, achatamento no crânio e a hipotonia muscular, marcadores que caracterizam a síndrome de Down. Trissomia do cromossomo 21, na época ainda chamada de “mongolismo”, palavra totalmente indigesta para o pai. Ele compreende, desarvorado, que o tempo não tem mais retorno e sente então uma vergonha maciça, visceral e dominante. Assim descreve a irreversibilidade da situação:

Tudo pode ser recomeçado, mas agora não; tudo pode ser refeito, mas isso não; tudo pode voltar ao nada e se refazer, mas agora tudo é de uma solidez granítica e intransponível; o último limite, o da inocência, estava ultrapassado. (Tezza, 2010, p. 24)

... lutava por permanecer no segundo anterior à revelação, como um boi cabeceando no espaço estreito da fila do matadouro. (p. 24)

Recusa. Recusar: ele não olha para a cama, não olha para o filho, não olha para a mãe, não olha para os parentes, nem para os médicos – sente uma *vergonha medonha* de seu filho e prevê a vertigem do inferno em cada minuto subsequente de sua vida. (p. 25)

A escrita do livro parece ser uma tentativa de elaborar o sentimento de vergonha do “pai”, e a palavra “vergonha” aparece tantas vezes, que fatiga o leitor. Em tom confessional, “o pai” nos conta de estar sempre acompanhado do sentimento de que havia algo de errado *com ele mesmo*, não com seu filho. Ele expressa agudamente, de forma quase palpável, a sua fratura narcísica, ao declarar que “o seu filho quebrou-lhe a espinha, tão cuidadosamente empinada” (Tezza, 2010, p. 63).

Há um sentimento de constrangimento e humilhação do pai, fortemente relacionado a essa quebra irreversível no seu *eu ideal*. Para o leitor,

fica confirmada a concepção de que o sentimento de vergonha possui caráter narcísico: perde-se o lugar que o sujeito sentia merecer ocupar no mundo.

O sujeito que sente vergonha parece estar tomado da certeza de que está sendo olhado, esquadrihado e criticado. Na verdade, ele está sendo analisado rigorosamente por si mesmo, em uma aferição de medidas que o leva a uma profunda menos-valia em relação ao que acreditava ser o seu valor presente e futuro. Há também, no fundo, uma suposição de que os outros se importam com isso, e a vergonha emerge diante da impotência daquilo que parece imutável.

A vergonha não decorre de um conflito de instâncias psíquicas ou da infração de interdições, tal qual ocorre com a culpa, derivada do exercício de um prazer proibido pelo Supereu. A vergonha opera no *ser*. O pai do livro *O filho eterno* tem então vergonha do que é, do que se tornou, do que acredita que será ou que nunca mais será. Se antes queria ter sucesso como escritor, ter o filho e publicar uma poesia perfeita aos olhos de uma plateia de admiradores, ele depara com a nova verdade que se impõe sem trégua.

A vergonha serve, então, como um combustível paradoxal, por ser um elemento que aponta para a ruptura da represa pulsional que transborda, indicando o horror do narcisismo ferido, mas também vale como material que pode vir a fazer ligação a outras saídas e transformações.

Passa a vigorar a primeira tentativa de fuga psíquica: o refúgio na ideia de morte. Diante da informação de que crianças com síndrome de Down morrem cedo, “o pai” apega-se à fantasia dessa morte precoce e anunciada, mas a trajetória do livro, contudo, nos lança em outro tempo de espera: de como “o pai” vai, pouco a pouco, elaborar o vivido quanto à presença daquele filho em sua vida real.

O pai que tenta, a princípio e a todo custo, lutar contra o diagnóstico, começa a enfrentar a ideia de que já se consumou um corte radical em sua fantasia de onipotência. Ele vai afastando lentamente a expectativa angustiada de uma suposta normalidade do filho e começa a aceitar o diagnóstico.

Entre idas e vindas, resiste muitas vezes a seguir o caminho da aceitação, criando fantasias, por exemplo, de que “o seu filho, assim na multidão, não é tão diferente; não chama a atenção; parece normal”, mas logo em seguida pune-se por tentar se agarrar a essa ilusão de normalidade, como uma miragem ou um disfarce. Em ato corajoso, todavia, delibera “romper a casca do medo” (Tezza, 2010, p. 93).

2.1 O encontro entre pai e filho

O pai passa a se dedicar a treinamentos intensivos para auxiliar o filho na marcha, na fala e na qualidade de respiração, tocando-lhe os braços e pernas em movimentos ritmados. Se, no começo, “o pai” pensava que o filho jamais o entenderia por padecer de uma total incapacidade de abstração, anos depois, o pai passa a compreender o idioma do filho: a linguagem da pura afetividade.

Como um elogio à *espera*, Masud Khan (1977/1989, p. 183) nos apresenta em sua obra um estado transitório da experiência de um indivíduo como “quietude alerta e consciência receptiva e desperta”. No texto “*On lying fallon*”, termo traduzido livremente para o português como *deixar a terra descansar para que algo venha a florescer*, emerge a importante ideia de um estado de espírito que não se relaciona à paralisia ou à inércia, muito menos a uma experiência de vazio apático ou quietude ociosa. Para Khan, tal estado preparatório vale como um nutriente do ego, e trata-se de um período de receptividade e capacidade negativa que opera não de uma forma consciente e deliberada, mas pela entrega ao atravessamento de uma experiência.

Esse estado comporta em si mesmo o paradoxo de trazer à tona “muito e, ao mesmo tempo, o nada”. Diferentemente de uma atividade mental organizada, que inclui pensamento consciente, cognição, triagem, organização e estrutura, o autor apresenta “uma animação psíquica suspenso e não integrada”, derivada de uma entrega a um estado informe ou desordenado que produz o “substrato energético para a maioria dos nossos esforços criativos” (Khan, 1977/1989, p. 184).

Para Khan (pp. 185/6), esse estado “permite aquela experiência interior larval que distingue a verdadeira criatividade psíquica da produtividade obsessiva”, como um “relaxamento frutífero”, “transicional e transitório”, “não conflitual, não instintivo e intelectualmente acrítico”. Ele aparece como uma capacidade do ego decorrente de um estado de vigília “não integrado, receptivo e lábil”, “um estado amplamente não-verbal e imagético, de expressão cinestésica”. Como o resto deixado no vaso de vinho grego, há algo que descansa, em estado de espera.

O pai do livro, um escritor, começa a sua jornada no imaginário e na abstração: “Um filho é a ideia de um filho; uma mulher é a ideia de uma mulher. Às vezes as coisas coincidem com a ideia que fazemos delas; às vezes não” (Tezza, 2010, p. 12). Em seu caminho inicial, depara com uma verdade

insuportável: “não há bem um lugar para essa criança na sua vida” (p. 35). Ele parte do desamparo total em perceber que o filho jamais seria capaz da abstração da linguagem paterna rumo a um novo caminho, concreto e corporificado.

Ele aprende que, pela deficiência da criança com síndrome de Down, o padrão inato de movimentos cruzados de braços e pernas está afetado e que isso compromete o funcionamento de todo o resto. Começa então a trabalhar *fisicamente* para reforçar o ponto de origem, usando um método ritmado, que podia intelectualmente achar louco, absurdo ou inútil, mas, a partir daí, ocorre o *encontro*: descobre o “modo de ele tocar fisicamente o seu filho, *fazer dele uma extensão sensorial e afetiva sua*, fundar uma cumplicidade por osmose”, que ele tinha imaginado não ser possível (Tezza, 2010, p. 70).

O pai, como nos ensina Khan (1977/1989, p. 77), entregou-se a um estado transitório, da pura experiência, de se conectar ao seu filho de um modo diverso e sensorial, cantando no momento da experiência uma música que considerava idiota (“era um pitusco pequeninho bonitinho...”), mas que circundava o ambiente com ternura e sustentação, de um modo que ele jamais conseguiria caso mantivesse o seu código mental consciente e estruturado. Ele se deixou levar ao estado do “*on lying fallon*”, deixando a terra descansar por um tempo para produzir algo; entregou-se ao momento dos exercícios para construir a imagem de um pai, que ainda não encontrava em si mesmo.

Khan nos apresenta um período entre a semente previamente existente e o florescimento de algo novo, cultivado após um processo silencioso de desenvolvimento da capacidade de criar, tal qual ocorreu entre o pai e o filho, já nomeado como Felipe.

O pai, experimentando um movimento psíquico regressivo, foi percebendo que a questão passava muito ao largo da ideia de compreender ou *entender*. Ele experimentou, nos ensaios de pernas e braços, a ideia de sustentar o *continuar a ser* do filho, mas, para isso, mesclou-se a ele em uma atmosfera de cuidados, como ambiente primário, transmitindo não só o exercício da marcha das pernas, mas um experimento dos processos e ritmos da marcha amorosa, afetiva, e da existência no tempo. Segurando e sustentando o filho, foi se constituindo também um lugar inaugural de pai, antes não cogitado.

Sobre o tema da criação, Michel de M’Uzan (1964) adota a ideia de que o homem, por natureza, é um ser que representa, e isso se expressa

das mais diversas formas: pela via escrita, falada, pela música, por imagens, pinturas ou criações literárias. Segundo o autor, tal capacidade de representação é requerida porque a realidade impõe a cada indivíduo a necessidade de construir novos recursos para lidar com aquilo que o surpreende, inunda-o, desaloja-o, requer decifração e integração ao seu psiquismo.

No texto sobre “Os dois princípios do funcionamento mental”, Freud (1911/2006) sustenta que a passagem do princípio do prazer para o princípio de realidade traz a necessidade de representação não somente da coisa em si, mas também da relação do sujeito com a coisa. Os trabalhos psíquicos, assim, estariam em constante atividade criativa para metabolizar afetos e experiências vividas a partir da apreensão sensorial, emocional e psíquica do mundo externo, a exemplo do bebê diante da ausência da mãe, que inicia uma atividade de criação psíquica pela via de uma alucinação, como forma de criar o objeto ausente e representar como presença aquela que não está ali.

De M’Uzan define a noção de “*saisissement*”, que se aproxima da ideia de captura ou de impacto de fora para dentro, decorrente de um evento do mundo externo que invade o sujeito e o desafia a lidar com aquilo. O autor acentua a diferença entre “*saisissement*” e inspiração, que estaria mais vinculada a algo que vem de dentro. Para ele, todo processo criativo decorre de um encontro do indivíduo com uma situação traumática, que o põe em uma atividade de representação decorrente da transposição do princípio do prazer para o princípio de realidade em face de eventos que trazem estranhamento, angústia e despersonalização. É como se o indivíduo ficasse despossuído e se pusesse a criar para lidar com os aspectos mais duros e críticos da realidade.

Para de M’Uzan, as pessoas que passam da criatividade aos atos criativos estariam tentando compensar falhas em sua capacidade de simbolização, em sua dificuldade de fazer ligações entre suas representações. Em sua concepção, exatamente porque não há símbolo, cria-se. A criação, portanto, seria uma realidade suplementar ao mundo, com funções reparadoras narcísicas e reparadoras de objeto, e os atos criativos seriam endereçados aos outros, dada a necessidade de compartilhamento daquele que cria.

Anzieu (1981) também concebe a criação como uma forma ativa de o indivíduo entrelaçar os seus *trabalhos do sonho* aos *trabalhos do luto*.

Para a criação e a composição de uma obra teríamos, então, a vivência de uma situação adversa ou traumática exógena, experimentada como *saisissement* na acepção de captura e impacto, aliada à sensação de estranhamento ou angústia decorrente da passagem entre princípio do prazer

e princípio de realidade. A desorganização psíquica experimentada é uma mola propulsora da capacidade de pensar e produzir novas representações, porque produz um tipo de “desfuncionamento” e uma despersonalização que resulta em um movimento regressivo. No processo criativo, com uma atualização de outros traumas do sujeito, abre-se espaço para uma nova elaboração e para a liquidação do traumático em condições mais favoráveis, até que, por fim, o autor possa dar corpo à obra e apresentá-la ao público.

O criador mantém uma dimensão de singularidade, originalidade e raridade na criação, sem uma negação onipotente da realidade, pois ele não está regido pelos processos defensivos da mania, mas pela necessidade de representar e simbolizar traumas passados e atuais. Se, na defesa maníaca, ocorre tal negação, na criação, ao contrário, o sujeito não perde o contato com a verdade da experiência.

O pai de *O filho eterno* se viu às voltas com essas difíceis elaborações, entre elas, a demanda de evitar a tentação de usar o filho como um álibi: “apoiar-se no filho, para ali se destruir. Fazer do filho a sua desculpa, o altar da piedade alheia” (Tezza, 2010, p. 92).

Sua obra retrata essa função criativa para dar contorno ao seu processo de elaboração.

Cabe por ora apreciar a história de outro pai, que adota uma forma diferente de encarar seu abalo narcísico, pela via da fuga e do uso de mecanismos de entorpecimento e de negação para evitar o encontro com a realidade.

3. A chegada de um filho diferente do esperado. A fuga

O pai de *Uma questão pessoal* tem o apelido de “Bird” e espera seu bebê também no dia em que se inicia a história. Ele igualmente se preocupa com o que virá, ainda em estado de inocência e ignorância, com seu total despreparo para a função de pai, com sua imaturidade e, ainda, por estar sendo sustentado pela mulher. Seu apelido foi recebido aos 15 anos e, assim como “o pai” de *O filho eterno*, expõe de imediato um conflito de autoimagem: Bird se olha em uma vitrine e se vê, prestes a tornar-se pai, como uma “ideia realmente angustiante e repulsiva, que lhe dava náuseas. Pássaro decrepito e cansado, cheio de filhos, o seu futuro” (Oe, 1964/2003, p. 8). A mulher se encontra em trabalho de parto enquanto, em uma livraria, ele pensa em realizar o “maior de todos os seus sonhos”: viajar pela África e publicar um livro de aventuras depois de regressar. Sentia-se um prisioneiro no casamento

e angustiava-se com a certeza de que o nascimento da criança o deixaria confinado numa jaula, gerando a perda de sua viagem solitária e triunfante.

Apesar da proteção do sogro, que tinha conseguido para ele uma boa colocação, Bird tinha abandonado suas obrigações por ter passado quatro semanas ingerindo uísque dia e noite. Passara a ser então um entediado professor de um cursinho medíocre.

A comunicação do estado de saúde do seu filho é feita de modo frio, desajeitado e desrespeitoso pelo diretor do hospital, que trata o bebê como uma “mercadoria” e faz a brincadeira jocosa de que teria se assustado quando o vira nascer, alertando o pai de que ele certamente iria se assombrar se estivesse desprevenido.

O leitor começa a percorrer uma trajetória meio sinistra rumo a uma desumanização do bebê de Bird. Sem qualquer cerimônia e na primeira conversa com o pai, o obstetra alega que um caso como aquele, de um bebê com hérnia cerebral, seria uma “boa oportunidade” para ele e que, por isso, queria estar presente na autópsia. Acrescenta, ainda, que o melhor desfecho seria que o bebê morresse logo, pois estaria em estado vegetativo, sem os sentidos da visão, audição e olfato.

Quando Bird vê o filho pela primeira vez, ele depara com “um bebê feio, de rosto pequeno e avermelhado coberto de rugas e de plaquetas de gordura” (Oe, 1964/2003, p. 35). Bird observa sua cabeça enfaixada, na qual havia uma grande quantidade de algodão ensanguentado em uma estranha protuberância. O pensamento que lhe ocorre é que se trata de um combatente de guerra:

Meu filho está com a cabeça toda enfaixada, como Apollinaire ferido na guerra. Ferido na cabeça num campo de batalha sombrio e solitário, nem sei onde. Envolto em faixas como Apollinaire, soltando um grito sem voz...
... Preciso dar-lhe um funeral condigno, o funeral de alguém que morreu combatendo. (p. 35)

Consolava-se com a ideia de que, muito rapidamente, iria esquecer a criança quando ela viesse a cumprir seu destino de morrer. Ele começa a elaborar estratégias de fuga da dura realidade que vive.

Bird recebe uma garrafa de uísque do seu sogro e segue para a casa de uma amiga – Himiko –, com quem inicia uma trilha de entorpecimento regada a bebida e sexo para tentar dar algum contorno à vergonha sufocante

que lhe subia à garganta quando pensava na deformação do filho, entendida como “um sentimento exclusivamente pessoal, uma infelicidade só sua”, que não poderia compartilhar com terceiros ou comungar com a humanidade (p. 35). Sua amiga, antes uma estudante inteligente e cuidadosa, havia se tornado uma mulher cheia de vícios após o suicídio do jovem marido, mas ele resolve esperar na companhia dela o tempo que levaria para que o bebê morresse.

As drogas podem ser consideradas como substitutos empregados por indivíduos que não têm a capacidade psíquica de esperar, como ensina Bion, em *Cogitations* (1958-1979/2014). O autor defende que esses substitutos dificultam a discriminação entre o falso e o verdadeiro, trazem satisfação imediata, mas sem duração e impedem que se atinja o que só pode ser alcançado por quem não vive atormentado pela impaciência. Nesses casos, a intolerância à frustração, a imaturidade, a confusão, o desamparo e a impotência são substituídos por prematuridade, precipitação, onipotência e poder.

Uma das dimensões da onipotência é o imediatismo, o contrário da capacidade de esperar. A boa espera, por outro lado, como um estado de abertura para a experiência inteira, vale como um contraponto à onipotência e à impulsividade. Esperar seria, assim, poder permanecer no desamparo sem recorrer a substitutos.

Bird não consegue sustentar tal espera, e sua onipotência – conectada ao desejo de morte rápida do bebê – liga-se à sua impaciência e à urgência, que trazem à cena um ar incômodo de desafetação. Enquanto sua mulher continua no hospital recuperando-se do parto, Bird segue buscando escapes artificiais e mágicos.

Coberto de vergonha e em estado de dissociação, ele vem a saber que a criança permanece viva e começa a senti-la como um bebê-monstro do qual precisaria fugir, como se a criança o atacasse através da parede envidraçada da incubadora. Sente-se egoísta em todos os poros, sem interesse em nenhum outro ser que não ele próprio, envergonhado em seu choro. Ele descreve que “a sensação de vergonha permanecia pregada em seus olhos feito catarata” (Oe, 1964/2003, p. 98), penetrando em seu corpo como um câncer da vergonha.

Bird começa a esperar o bebê morrer de inanição sem nada fazer, e a alimentação dele é reduzida pela equipe médica com o consentimento do pai. Teme, no entanto, que seu horror continue após a morte do filho, mas não consegue ligar para o hospital e pedir que o alimentem para viabilizar uma

futura cirurgia da hérnia cerebral. Em certo ponto mais drástico, resolve comunicar aos médicos sua recusa à cirurgia.

Diante da demora do evento morte e da insistência dos médicos em operar o filho de Bird, ele e sua amiga planejam retirar o bebê do hospital e entregá-lo a um médico que trabalhava fazendo abortos ilegais, embora soubessem que isso seria o mesmo que matar a criança. A fuga segue de forma angustiante até o local da entrega. No momento, porém, de celebração da suposta resolução do problema, a fuga da verdade e a fantasia de onipotência ficam insustentáveis até mesmo para ele.

Bird muda de ideia e resolve então levar o bebê de volta para o hospital universitário para ser operado. Decide parar de fugir e comunica sua decisão a Himiko, já envolvida na aventura delirante de viajar para a África com Bird em um escape da realidade de ambos. Ele declara que não tinha parado de fugir desde a manhã em que o bebê nasceu e que lhe restavam duas alternativas: enfrentar a situação sem subterfúgios e asfixiar o bebê com as próprias mãos, ou acolhê-lo, procurando alguma forma de criá-lo. A amiga tenta dissuadi-lo, sob o argumento de que a criança seria completamente inútil no mundo, ao que Bird declara que a decisão estava sendo tomada para *o seu próprio bem*, para que *ele* deixasse de ser um eterno fugitivo.

A cirurgia acaba sendo bem-sucedida. Depois dela, curiosamente, o bebê toma formas mais humanas e acaba ficando parecido com Bird. Na radiografia do crânio, fica claro que não se tratava de uma hérnia cerebral, mas da formação de um nódulo de tecido muscular.

Ao ser elogiado pelo sogro pela forma com que enfrentara essa infelicidade, Bird confessa que tinha tentado fugir muitas vezes e que quase conseguira. Escolheu não ser como certas pessoas, que vivem saltando “como rãs, de uma falsidade para a outra a vida inteira” (Oe, 1964/2003, p. 201).

4. Considerações finais

Por caminhos diversos, os dois pais aproximam-se do encontro com a verdadeira face de seus filhos, apostando então que alguma potência possa advir do desamparo. Apesar de suas limitações incisivas e da vergonha devastadora vivida por eles, a possibilidade de simbolizar esse material traumático nos faz pensar em uma árdua travessia na representação de quedas narcísicas.

Nos dois casos, fica muito claro que tinha acontecido uma cisão entre a experiência da espera e a manutenção da esperança, cuja reconstrução

parecia impossível. As idealizações do pai de *O filho eterno* e de Bird tinham sua raiz em uma ilusão de sucesso, ainda calcada em uma fantasia de plenitude narcísica, que veio a ruir diante da crua realidade.

Freud (1914/2016, p. 23) nos ensina que o “estado de bem-aventurança psíquica” da infância vale como uma matriz para o *Eu ideal*, mas que o *Ideal de eu* já representa uma caminhada na superação da ilusão de completude narcísica e pode facilitar a construção de outras pontes simbólicas. Isso porque o *Ideal de eu*, na condição de herdeiro do complexo de Édipo, desde logo introduz a experiência e aceitação da castração.

Nas histórias relatadas, foi sendo conquistada por esses dois pais, com dificuldade, uma claudicante aceitação da realidade.

Felipe começou a dar os primeiros passos com 2 anos e 2 meses de idade, e, após solavancos significativos na construção da sua paternidade, ao final do livro, o pai do *O filho eterno* nos oferta a bonita e simples reflexão de que “há pessoas muito diferentes no mundo que necessitam menos de ciência, e mais da nossa compreensão generosa” (Tezza, 2010, p. 93).

No discurso de um dos amigos de Bird fica albergada a voz de Kafka. No encontro com o pai decidido a deixar seu filho morrer, ele o interpela: “– Tudo o que os pais podem fazer por um filho é recebê-lo de braços abertos quando ele chega. É o que Kafka diz numa carta a seu pai” (Oe, 1964/2003, p. 159).

Os dois livros comovem o leitor e suscitam uma forte empatia pela trajetória desses pais: no primeiro caso, um caminho mais carregado de conflitos internos do pai, com sua moral e seu conceito sobre si mesmo compondo um contraste inaceitável com a vergonha sentida por ele ao receber a notícia sobre a síndrome do filho; no segundo, pelas atuações maciças de Bird, com o álcool, o sexo, a fuga, e as passagens ao ato postas em execução sem a possibilidade de qualquer elaboração e reflexão sobre ambivalências, em uma trilha mais desesperada, errática e tortuosa.

A partir da narrativa de pais que se envergonham, é possível empatizar com outros pais que deparam com a mesma descoberta assustadora de diagnósticos intransponíveis ou irreversíveis após uma espera esperançosa de terem os seus ideais atendidos.

“Dar um nome humano ao monstro faz com que ele se transforme em gente e passe a reivindicar direitos”, diz Bird (Oe, 1964/2003, p. 181).

Dar um nome à dor desses pais e mães, e também aos seus afetos ambivalentes, até mesmo à espera de normalidade ou melhora, à esperança

de mudança ou aceitação, e deixá-los não anônimos, vai emergindo como uma necessidade após a imersão nessas histórias e a escuta dessas dores. Dar um rosto singular a essas crianças e torná-las mais reais passa a ser uma demanda absolutamente essencial no nosso tempo.

Espera, esperanza, vergüenza y elaboración

Resumen: En este artículo, el autor articula los conceptos de espera, esperanza y vergüenza, abordando cuestiones relacionadas con la constitución del narcisismo y sus consecuencias cuando situaciones traumáticas se imponen a la vida del individuo, dando lugar a crisis narcisistas, frustraciones o situaciones de impotencia radical. Para ilustrar el tema se utilizan dos ejemplos literarios de padres que, el día que nacen sus primogénitos, tienen que afrontar noticias devastadoras sobre la salud de sus hijos, uno de ellos diagnosticado con síndrome de Down y el otro, con una hernia cerebral.

Palabras clave: espera, esperanza, narcisismo, vergüenza, desamparo

Waiting, hope, shame, and elaboration

Abstract: In this article, the author articulates the concepts of waiting, hope and shame, addressing issues related to the constitution of narcissism and its consequences when traumatic situations are imposed on the individual's life, giving rise to narcissistic breakdowns, frustrations, or situations of radical helplessness. To illustrate the theme, two literary examples are used of parents who, on the day their first children were born, had to deal with devastating news about the health of their babies, one of them diagnosed with Down syndrome and the other, with a brain hernia.

Keywords: waiting, hope, narcissism, shame, helplessness

Attente, espoir, honte et élaboration

Résumé : Dans cet article, l'auteur articule les concepts d'attente, d'espoir et de honte, abordant les questions liées à la constitution du narcissisme et à ses conséquences lorsque des situations traumatisantes s'imposent à la vie de l'individu, donnant lieu à des dépressions narcissiques, frustrations ou situations d'impuissance radicale. Pour illustrer le thème, deux exemples littéraires sont utilisés de parents qui, le jour de la naissance de leur premier-né, doivent faire face à des nouvelles dévastatrices sur la santé de leurs enfants, l'un diagnostiqué avec le syndrome de Down et l'autre, avec une hernie cérébrale.

Mots-clés : attente, espoir, narcissisme, honte, impuissance

Referências

- Anzieu, D. (1981). *Le corps de l'œuvre*. Gallimard.
- Bion, W. R. (2014). *Cogitations*. In C. Mawson & F. Bion (Eds.), *The complete works of W. R. Bion*. Karnac. (Trabalho original publicado em 1958-1979)
- Freud, S. (2006). Os dois princípios do funcionamento mental. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Freud, S. (2016). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 13-50). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Khan, M. (1989). On lying fallow. In M. Khan, *Hidden elves: between theory and practice in psychoanalysis* (pp. 183-188). Karnac. (Trabalho original publicado em 1977)
- M'Uzan, M. de (1964). “Aperçus sur le processus de la création littéraire”. *De l'art à la mort*. Gallimard.
- Oe, K. (2003). *Uma questão pessoal*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1964)
- Rocha, Z. (2007). Esperança não é esperar, é caminhar. *Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental*, 10(2), 255-273.
- Tezza, C. (2010). *O filho eterno*. Record.
- Winnicott, D. W. (1990). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. *O ambiente e os processos de maturação – estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Artes Médicas, pp. 163-174. (Trabalho original publicado em 1963)

Adriana Meyer B. Gradin
adygradin@terra.com.br

Recebido em: 5/2/2024

Aceito em: 4/3/2024